

# BASQUETEBOL BRASILEIRO

## NAS OLIMPIADAS DE 1948

1.º Tenente Alfredo Rodrigues da Motta

O Basquetebol, pelas vantagens que reúne, é o jogo esportivo fadado a cada vez mais aumentar o número de adeptos. Criado por um só homem para atender a várias exigências que se prendem ao interesse de jogadores e de assistentes, criteriosamente prestabelecidas por Luther Gullick, por isso em 57 anos de existência avassalou o mundo.

Seu criador, James Naismith, era professor de Educação Física do Internacional Young Men's Christian Association College da cidade de Springfield, Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos da América e Gullick, diretor dessa Associação.

Datam de 1892 as primeiras regras de Basquetebol escritas por Naismith, cujas bases são integralmente mantidas no jogo moderno, apesar de evolução através dos anos.

A introdução do Basquetebol no Brasil deu-se em 1899, no Mackenzie College, de São Paulo. Mais tarde, em 1906, Oscar Thomson adotou na Escola Normal do mesmo Estado. Suas primeiras regras internacionais foram traduzidas para o português por uma comissão da qual fizeram parte os Srs. Henry J. Sims, Itagiba R. Novais, D. F. Moutinho e Victor A. Auguste. Estas regras serviram ao nosso Basquetebol até que Reis Carneiro traduziu as regras Internacionais Oficiais de 1936, regras essas que ainda agora foram seguidas nas últimas olimpíadas e que acabam de ser modificadas pelo Comitê de Regulamento da Federação Internacional de Basquetebol Amador.

As nossas regras, ora em vigor desde janeiro de 1946, são as regras Oficiais da Amateur Athletic Union of the United States, de New York (1944-45) aprovadas no XII Congresso Sul-Americano de Basquetebol, realizado no Equador, em Guaiquil.

Os grandes empreendimentos têm os seus apóstolos, o Basquetebol também os possui no Brasil: Oscar Thomson, Osvaldo Rezende, Henry J. Sims, Arnaldo Guinle, F. C. Brown, C. B. Henna, Osvaldo Magalhães, Alfredo Wood, F. M. Long, Renato de Andrade, Reis Carneiro, Melo Junior, Adolfo Chermann... e poucos outros que a minha ignorância ou a minha memória, no momento deixa de lhes fazer justiça.

O Basquetebol foi programado pela primeira vez nos jogos Olímpicos realizados em Los Angeles no ano de 1932.

A Delegação brasileira à XIV Olimpíada Moderna deu ao nosso país sem o menor estímulo, fortemente diminuída pela imprensa e até os seus integrantes foram chamados de turistas. Coisa estranha porque o Brasil tem figurado honrosamente no Basquetebol Sul-Americano, e este é excelentemente credenciado.

A escolha dos scratchmen e a do técnico foi entregue à Comissão Técnica da C. B. D. A Delegação ficou assim constituída: Chefe, Reis Carneiro; delegados, Adolfo Chermann e Ari Oliveira de Merzes; técnico, Moacyr Daiuto; scratch-



mens, Afonso Évora, Alexandre, Alfredo Mota, Alberto Marson, João Braz, M. Vinicius Dias, Massinet Sorcinelli, N. Pacheco de Oliveira, Ruy de Freitas e Zeny de Azevedo.

Na partida, exceção feita dos nossos parentes, ninguém levou os basqueteboleros brasileiros ao avião. Este fato não nos pungiu, porque os íntimos nos confortaram.

Ao chegarmos em Londres, rumamos então para o alojamento 57 do antigo quartel da RAF. Alimentação, contrôle e assistência médica... Tudo difícil. Somente não nos faltou a dedicação pessoal do General Edgar do Amaral e aquilo que dependeu propriamente da delegação-chefia, delegados e técnicos.

Contrastando com esse lado da jornada, a mão de Deus não nos abandonou no desenrolar dos prélios. Passemos revista nos jogos:

### 1.º JOGO — BRASIL x HUNGRIA

Juizes: M. M. Pfeuti, suíço e Page, inglês.

Teve início às 17,50 horas do dia 30-7-48.

Resultado: 1.º tempo — Hungria 22x21.

Final: 39x39.

Prorrogação: Brasil 45x41.

Brasil — Alexandre, 2; Alfredo, 7; Algodão, 15; Braz, 9; Massine 4; Pacheco, 3; Rui, 5.

Hungria — Bankuti, 2; Lovrics 5; Mezofi, 2; Novacovoski, 14; Nagy 6; Timar-Gegn, 7; Zsiros, 5.

Iniciamos o match com Braz, Fcheco, Algodão, Alexandre e Rui. Devo dizerque, neste jogo, nos prejudicou bastante a conviãõ que levamos de que o Basquetebol europeu era fraco. Excesso de confiança. Os húngaros gam Basquetebol de verdade. Empregamo-nos fundo e no placar o sinal de igualdade domiu todo o tempo.

A diferença máxima que se verificou foi de 4 pontos; duas vezes favoráveis aos ungaros, 7 x 11 e 32 x 36 e uma só vez aos brasileiros, 45 x 41, graças a Deus no fim. Jogoara lá de duro.

### 2.º JOGO — BRASIL x URUGAI

Juizes: Bigot, francês e M. J. Ciski, checoslovaco.

Teve início às 10.50 horas do dia 27-7-48.

Resultado — 1.º tempo: Brasil 224.

Final: Brasil 36 x 32.

Brasil — Alfredo, 14; Algodão, 12; Braz, 1; Massinet, 2; Pacheco, 2; Rui; Vinicius, 1.

Uruguai — Acosta y Lara, 1; Dial; Lombardo, 18; Lovera, 7; Ruiz, 2.

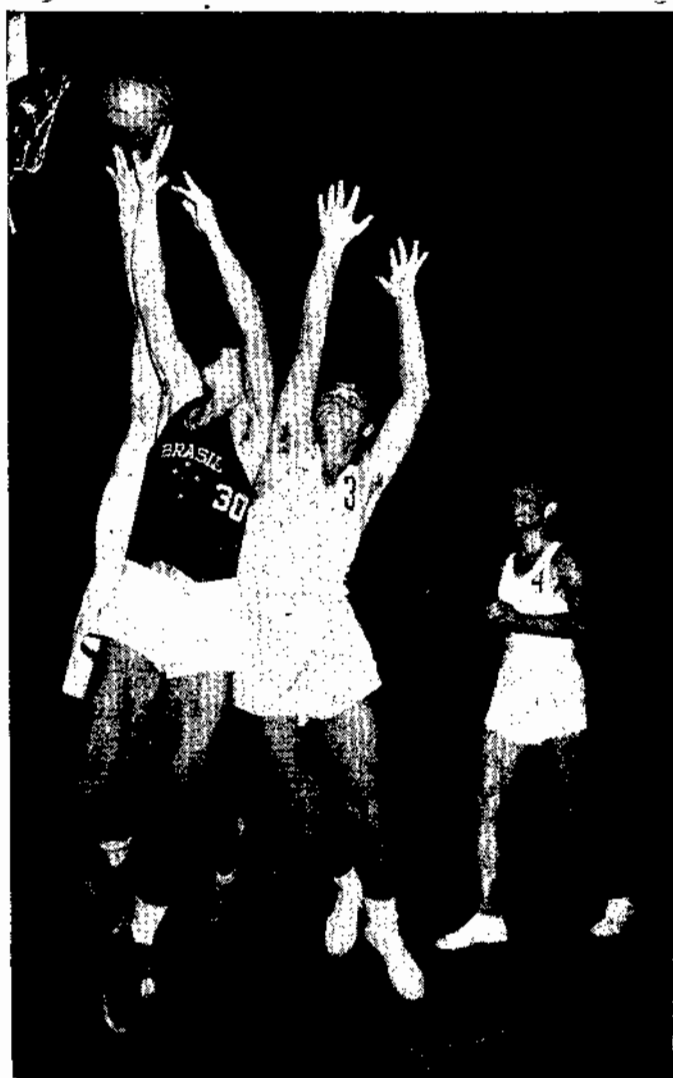
Este encontro me assustou muito, a classe do competidor, já meu conhecido, e peláicio.

Entrei em campo substituindo Br; com o

score desfavorável de 5x12. Passamos em seguida a dominar o marcador até 20x18, quando terminou o primeiro tempo.

No segundo tempo não deixamos mais que o adversário tomasse a dianteira até ao término. As maiores diferenças da contagem foram de 7 pontos para os uruguaiois, 3 x 10 e 5x12, e para nós foi de 11 pontos sôbre os nossos valorosos adversários. Finalizamos com 4 pontos, 36x32.

Se é certo que, ao iniciar a partida, estavamos preocupadissimos, é também verdade que a



derrota que infringimos, nos serviu de pedra de toque com que avaliamos as nossas possibilidades no certame.

### 3.º JOGO — BRASIL x INGLATERRA

Juizes: M. F. Vanderperren, bedga e Bigot francês.

Teve início às 9 horas do dia 2-8-48.

Resultado: 1.º tempo — Brasil 41x7.

Final: Brasil 76x11.

Brasil — Alexandre, 5; Alfredo, 16; Algodão, 9; Braz, 14; Évora, 2; Massinet, 11; Pacheco, 7; Rui, 5; Vinicius, 7.

Inglaterra — Davis, 6; Pinlay, 1; Nowis, 2; Lionel, 2.

Apesar da grande vantagem assinalada pelo marcador, ao finalizar a partida ela não refletiu perfeitamente o valor dos britânicos. E' que demos ao jôgo o quanto podíamos porque, no cômputo final, os empates, seriam decididos pelo "goal-average". Precisavamos nos precaver.

#### 4.º JOGO — BRASIL x CANADA'

Juizes: M. M. Pfeuti, suíço e Chauvechild, belga.

Teve início às 16,30 horas de 4-8-48.

Resultado: 1.º tempo: Brasil 32x12.

Final: Brasil 57x35.

Brasil — Alfredo, 23; Algodão, 11; Braz, 9; Massinet, 4; Pacheco, 7; Rui, 3.

Canadá — Bakken, 4; Bell, 5; Blomfield, 4; Kermode, 4; Mc Geer, 8; Mitchel, 5; Munro, 3; Waxman, 2.

Entramos na quadra ainda mais preocupados do que ao defrontarmos os uruguaios. Desconhecíamos o adversário e íamos jogar com os vice-campeões do mundo.

Inicia-se o jogo e eles, imediatamente, inauguram o placar, mas Pacheco, Algodão e Massinet fazem a contagem subir a nosso favor.

Quando substituí Braz já a contagem subia a 11x9; continuou se elevando até terminar o 1.º tempo quando levavamos a vantagem de 20 pontos.

Nossa superioridade foi cada vez mais se acentuando até ao término, 51 x 25. Chegamos a estar 27 pontos na frente, 48 x 21.

Parece-me que foi o médo que nos deu vigor. Constantemente me assaltava a mente a possibilidade de que os nossos contrários pudessem mudar o panorama da partida, apesar da diferença.

#### 5.º JOGO — BRASIL x ITÁLIA

Juizes: M. M. Pfeuti, suíço e M. J. Osuski, checoslovaco.

Teve início às 16,40 horas do dia 5-8-48.

Resultado: 1.º tempo: Brasil 22x15.

Final: 47x31.

Brasil — Alexandre, 3; Alfredo, 12; Algodão, 8; Braz, 4; Évora, 2; Massinet, 3; Pacheco, 13 e Rui, 2.

Itália — Ferriani, 2; Mantelli, 3; Marinelli, 8; Ranuzzi, 6; Rapini, 7; Traguzzi, 2. guzzi, 2.

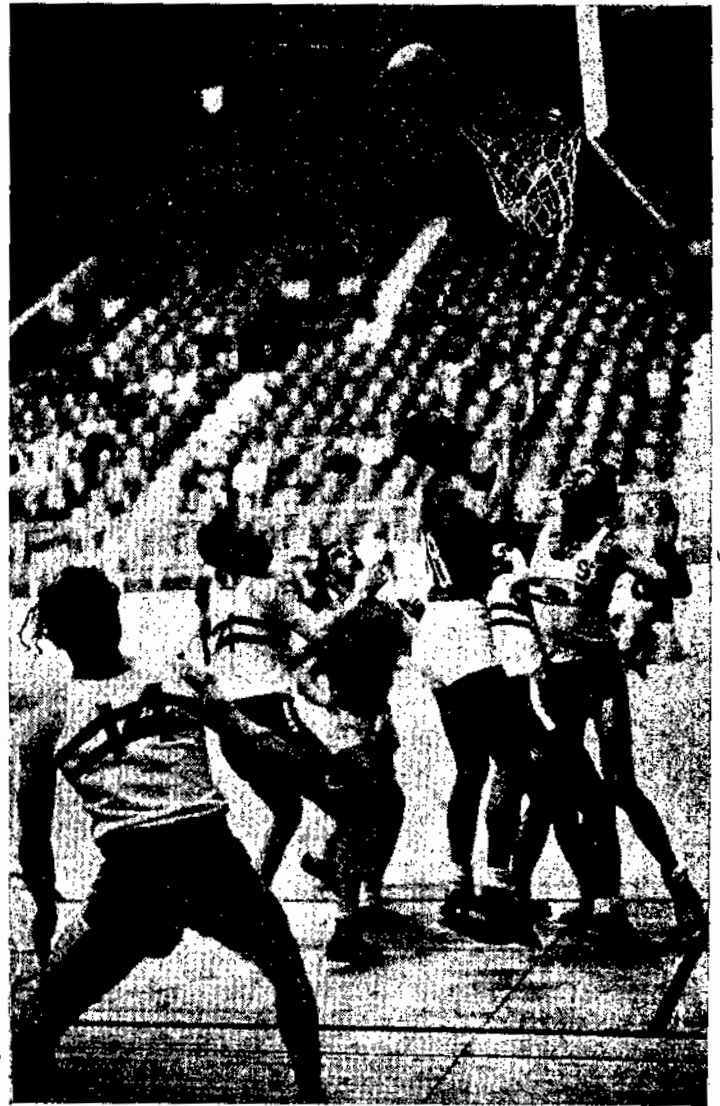
Pela primeira vez entrei de saída. Estava confiante.

Não posso dizer que o jôgo tivesse transcorrido duro, mas os adversários estiveram duríssimos.

Somente nas primeiras modificações do marcador os italianos tiveram vantagem de 3 pontos, 2 x 5, daí em diante, até ao fim do prélio não nos

apanharam mais. No primeiro tempo a diferença máxima verificada foi de 10 pontos, 15 x 5. Antes de terminar a primeira fase da partida recebi uma contusão séria; ainda hoje ela às vezes se faz lembrada. Igual sorte teve Algodão, Pacheco e Évora. Comandamos o jôgo em todo o 2.º tempo. Chegamos a estar 21 pontos na frente.

As consequências deste jôgo se propagaram nos três últimos que realizamos em Harringay Arena.



#### 6.º JOGO — BRASIL x CHECOSLOVÁQUIA

Juizes: M. N. Moran, turco e A. M. Wahby, egípcio.

Teve início às 15,20 horas do dia 9-8-48.

Resultado: 1.º tempo Checoslovaquia: 13x10.

Final: Brasil 28x23.

Brasil — Alfredo, 5; Algodão, 4; Braz, 2; Évora, 3; Massinet, 5; Pacheco, 2; Rui, 5; Vinicius, 2.

Checoslováquia — Benecek, 2; Kozak, 3; Kremicky, 2; Krepela, 2; Marzek, 12 Tropkos, 2.

Foi outro embate difícil. Quando substituí Évora, o marcador indicava 3 x 6 contra nós, o

pior é que todos nós não nos sentíamos bem, tinhamos grandes recordações dos italianos. Os checos continuaram a nos sobrepujar até findar o 1.º tempo com a vantagem de 3 pontos, 10 x 13. Ocasião houve em que estiveram 4 pontos na frente, 6 x 10, que foi a diferença máxima neste tempo que terminou favorável aos checos, 13 x 10.

Sai de campo quando a peleja nos era ainda adversa, por 8 x 10 e só voltei já no segundo tempo, quando ela nos era favorável por 18 x 17. Daí a sorte não mais nos abandonou até finalizar a luta por 28 x 23.

A nossa maior vantagem ocorreu quando o score era de 27 x 21, 6 pontos. Vencemos, mas os nossos padecimentos físicos pioraram.

## 7.º JOGO — BRASIL x FRANÇA

Juizes: M.M. Pfeuti, suíço e A.M. Wahby, egípcio.

Teve início às 21 horas do dia 11-8-48.

Resultado: 1.º tempo — França 23x19.

Final: 43x33.

Brasil — Alfredo, 12; Algodão, 2; Braz, 8; Évora, 8; Massinet, 1; Pacheco, 2; Rui, 6.

França — Buffiere, 2; Chocat, 3; Derency, 16; De Saymonnet, 2; Guillou, 4; Offner, 5; Perrier, 9; Thiolin, 2.

Ao nos defrontarmos com os franceses estávamos confiantes, embora tivéssemos 4 jogadores em mau estado físico. Além disso ou por causa disso, na quadra nada que fizemos deu certo. Estivemos na frente somente de 12 x 11 até 18 x 16. Depois não logramos mais alcançá-los e estiveram até 17 pontos na frente, 36 x 17. E a agonia continuou até que a vantagem se fixou em .... 33 x 43...

## 8.º JOGO — BRASIL x MÉXICO

Juizes: M.M. Pfeuti, suíço e M.A. Siner, francês.

Teve início às 19,30 horas do dia 13-8-48.

Resultado — 1.º tempo: México 25 x 17.

Final — Brasil 52 x 47.

Brasil — Alfredo, 26; Algodão, 6; Braz, 2; Massinet, 3; Rui, 7; Vinicius, 8.

México — Lizana, 6; Barajas, 4; Goya, 9; Rojas, 6; Santos, 17.

No nosso último compromisso em Harringay Arena, ao entrarmos na quadra, levávamos o ânimo abalado e o corpo um tanto refeito. Transcorreu todo o 1.º tempo como se carregássemos fardos, moviámo-nos pesadamente. Mas, as dores tinham desaparecido.

Acabaram-se os minutos da fase inicial e o marcador gritava 17 x 25, contra o Brasil. Duas vezes os mexicanos se distanciaram de nós por 10 pontos, 6 x 16 e 10 x 20.

Na segunda fase do jogo a distância foi diminuindo até que igualamos o marcador 40 x 40; passamos a frente; novamente empatada a partida, 42 x 42; Santos desempata para os mexicanos 42 x 44; Massinet empata... E assim, encarnadamente, se desenvolve a luta, ora para um, ora para outro bando... Até que, num esforço ingente, tomam a frente os brasileiros até finalizar a contenda com a diferença de 5 pontos a seu favor.

Tínhamos nos colocado em 3.º lugar!

A visão geral do acontecimento confortou sobremodo o Basquetebol brasileiro.

A Delegação brasileira, que se conduziu excelentemente no desempenho de sua missão, teve em Londres condigno prêmio. Reis Carneiro, que a chefiou, foi eleito Vice-Presidente do Congresso Mundial de Basquetebol e Adolfo Chermann, escolhido para a Comissão de Reforma das Leis.

O selecionado se desempenhou de modo muito acima da expectativa e os ensinamentos que seus players trouxeram para o esporte são inestimáveis, tão valiosos que somente os que lá estiveram podem aquilatar de sua importância.

Nossos Juizes de Basquetebol não ficariam diminuídos ao lado dos europeus. Estes marcam bem os contatos pessoais e distinguem com justiça os acidentais e inevitáveis dos intencionais.

Lamentável por todos os títulos se fez sentir a ausência dos árbitros norte-americanos. A colocação final das 23 nações que disputaram o Torneio Olímpico de Basquetebol, foi a seguinte: Campeão: Estados Unidos; Vice-Campeão: França; 3.º lugar: Brasil; 4.º México; 5.º, Uruguai; 6.º Chile 7.º Checoslovaquia; 8.º Coréa; 10.º Perú; 11.º Bélgica; 12.º Filipinas; 14.º Iran; 15.º Argentina; 16.º Hungria; 17.º Itália; 18.º China; 19.º Egito; 20.º Inglaterra; 21.º Suíça; 22.º Iraque; 23.º Irlanda.

Outra ação digna de encêmios foi a do Técnico Moacyr Daiuto.

Ele fez intervir nos jogos, mais de 38 *fives*. Os *fives* que tiveram maior número de entradas em campo, foram:

1.º — Braz, Rui, Alfredo, Massinet e Algodão.

2.º — Rui, Pacheco, Alfredo, Massinet e Algodão.

Com eles obtivemos 131 pontos, sendo 83 conseguidos pelo primeiro e 48, pelo segundo.

O primeiro interferiu 7 vezes nos jogos e o segundo 4.

Seis outros *fixes* figuraram duas vezes durante o torneio.

Rui, Pacheco, Alfredo, Massinet e Algodão.

Rui, Pacheco, Alfredo, Alexandre e Algodão.

Rui, Massinet, Alfredo, Algodão e Vinicius.

Rui, Massinet, Alfredo, Marson e Vinicius.

Braz, Massinet, Vinicius, Alexandre e Evora.

Os demais só tiveram ocasião de se exibir uma única vez. Depois dos Estados Unidos foi o Brasil o concorrente que conseguiu o melhor saldo de pontos. Marcou 374 pró e 263 foram marcados contra êle.

Os jogadores que os obtiveram foram:

Alfredo . . . . .	115 pontos
Algodão . . . . .	67 "
Braz . . . . .	49 "
Rui . . . . .	37 "
Pacheco . . . . .	36 "
Massinet . . . . .	33 "
Vinicius . . . . .	18 "
Alexandre . . . . .	10 "
Évora . . . . .	9 "

Não devo terminar sem uma palavra de advertência que possá servir para futuros certames.

Senhores dirigentes do esporte, não mandem equipe alguma para o estrangeiro sem o auxilio de médico e massagistas especializados e dedicados. . . . Se mais cedo tivéssemos podido contar com as mãos divinas e o tratamento foto e hidroterápicos do massagista, Harringay, outro teria sido o resultado Brasil-França. Para nos tratar gastávamos, de automovel, entre a nossa concentração e Harringay, mais de uma hora para ir e outra para voltar. Apesar disso, este profissional nos colocou em condições de atuar, satisfatoriamente contra os mexicanos. Dos três contundidos, apenas Pacheco não pôde atuar, mas melhorou consideravelmente.

O que lhes digo, leitor, naturalmente, nunca será ouvido pelo habilissimo massagista que tão alto serviço prestou a Delegação brasileira. Se por acaso, chegar ao seu conhecimento, mandolhe daqui um abraço bem brasileiro e muito grato pelo que lhe fijuei devendo. A êle cabe as honras da vitória que alcançamos sôbre o fortissimo conjunto do México.

Pelo que acabo de esboçar, nossos patricios devem estar satisfeitos com a sua representação de Basquetebol que, em Londres, durante os dias que mediram de 90 de julho a 13 de agosto, tudo fez para não desmerecer da divisa olímpica — CITIUS, ALTIUS, FORTIUS.

